



Café com  
Sustentabilidade

**FEBRABAN**

Federação Brasileira de Bancos

Edição 58  
Outubro 2020

Rumo a  
um sistema  
bancário mais  
verde: a experiência  
brasileira



# Índice

04	Brasil tem potencial para liderar a economia verde, dizem especialistas
06	Inovação tecnológica
08	Banco Central dá mais um importante passo
09	Iniciativas da FEBRABAN
11	Recomendações da TCFD

## Créditos

**Coordenação**  
Diretoria de Sustentabilidade, Cidadania Financeira,  
Relações com Consumidor e Autorregulação

**Redação**  
Guilherme Borini - Jornalista da noomis

**Apoio**  
noomis

**Informações**  
sustentabilidade@febraban.org.br

**Projeto Gráfico**  
Mveras Design

# Apresentação

No webinar 'Rumo a um sistema bancário mais verde: a experiência brasileira, promovido pela FEBRABAN em parceria com o Bank for International Settlements (BIS - Banco de Compensações Internacionais) e o Banco Central (BC), realizado no dia 21 de outubro de 2020, especialistas destacaram o potencial do país para ser protagonista mundial em economia verde, e debateram o papel do setor bancário no desenvolvimento de uma economia mais resiliente, tanto do ponto de vista regulatório como voluntário.

Com o isolamento social e as atividades remotas se tornando parte do dia a dia, em função da disseminação da covid-19, a FEBRABAN se adaptou a essa nova realidade e realizou o 58º Café com Sustentabilidade de forma totalmente virtual.

O vídeo do evento está disponível na íntegra na plataforma [noomis.febraban.org.br](https://noomis.febraban.org.br)

Boa leitura!

**Amaury Oliva**

Diretor de Sustentabilidade, Cidadania Financeira, Relações com Consumidor e Autorregulação da FEBRABAN

# Brasil tem potencial para liderar a economia verde, dizem especialistas

WEBINAR INTERNACIONAL PROMOVIDO PELA FEBRABAN, EM PARCERIA COM O BANCO DE COMPENSAÇÕES INTERNACIONAIS (BIS) E O BANCO CENTRAL, DISCUTE A SUSTENTABILIDADE COM FOCO DO SETOR BANCÁRIO

O Banco Central (BC) anunciou em setembro a inclusão da dimensão sustentabilidade na agenda institucional BC#. Em paralelo, os três maiores bancos privados do país – Itaú, Bradesco e Santander – firmaram recentemente um Plano e um conselho consultivo em prol da Amazônia e têm destinado recursos para preservação da maior floresta tropical do mundo. Essas duas ações recentes, somadas a diversos outros investimentos e ini-

ciativas, ilustram quanto o tema da sustentabilidade e a busca por uma economia mais verde têm ganhado atenção no setor financeiro e no mercado como um todo.

O presidente da FEBRABAN, Isaac Sidney, lembrou que a pandemia de covid-19 mostrou o quanto o mundo é vulnerável a fatores naturais e deixou ainda mais claro que devemos ter atitudes positivas em relação ao meio ambiente. O executivo ressaltou que o setor financeiro está atento à necessidade do desenvolvimento sustentável e, agora, tem a grande chance de alavancar iniciativas que endereçam os riscos socioambientais e climáticos, bem como as que promovem oportunidades aos clientes e ao mercado, alinhadas à conjuntura internacional.

Acesse aqui a publicação "Cisne Verde"

"Os aspectos ASG já impactam diretamente o fluxo e desempenho financeiro das empresas e isso torna o momento mais desafiador. Os bancos financiam as principais cadeias produtivas do país e precisam continuar estimulando ações para desenvolver uma economia cada vez mais sustentável", destacou Sidney, ao citar a sigla ASG, que representa a tradução de ESG (Ambiental, Social e Governança; em tradução livre para o português), três fatores que medem os níveis de sustentabilidade e impacto social de companhias.

Luiz Pereira, vice-diretor geral do BIS, citou o exemplo de um cisne verde como característica desses riscos globais que a mudança climática traz. "Cisnes verdes porque são eventos extremos, raros, mas que têm hoje em dia uma quase certeza de se manifestar e grande capacidade de destruição", explicou.

Pereira acredita que o potencial de crescimento da agenda verde representa uma grande oportunidade para o Brasil. Tese corroborada por Murilo Portugal, ex-presidente da FEBRABAN, que apresentou alguns números que mostram esse potencial. "O Brasil se encontra em uma boa posição no processo de transição para uma economia mais verde", disse Portugal.

O executivo destacou que 46% da matriz energética do país já é de energia renovável, enquanto a média global é de 14%. Em termos de produção de eletricidade, 83% vêm de fonte renovável, enquanto a média mundial é de 22%. Sendo um país populoso, o Brasil está em 7º lugar em termos de emissão de gases estufa, índice sete vezes menor que a China e três vezes menor que os EUA. Além disso, outro importante dado é que 61,5% do nosso território é coberto por florestas. "O Brasil é um país tão grande e rico em recursos naturais e tem muitas oportunidades nesta área; estamos apenas começando."

Já Denise Pavarina, vice-chair da TCFD - Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD - Força-Tarefa sobre Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima), diz que o Brasil tem a oportunidade de protagonizar o movimento verde do mundo. "A gente pratica uma série de movimentos relevantes, nossa matriz de energia é limpa, temos instituições que desenvolvem tecnologias para melhorar a eficiência, temos florestas maravilhosas", disse a executiva, que é uma das líderes da força-tarefa que reúne organizações em todo o mundo com foco no desenvolvimento de recomendações e padrões para que empresas possam medir e divulgar os riscos financeiros relacionados ao clima.



# Inovação tecnológica

Sidney, da FEBRABAN, destacou que 22% do saldo de crédito para empresas, segundo informações repassadas pelo BC e metodologia desenvolvida pela Federação, foram destinados aos setores que contribuem com a economia verde. "Um número significativo quando olhamos para o saldo da carteira de crédito", disse.

Para Pereira, do BIS, sustentabilidade e produtividade não são itens excludentes. Ele destaca que a inovação para práticas sustentáveis tem grande valor, como em projetos para redução de lixo, aumento de eficiência operacional, tecnologias para energia renovável, além de técnicas para reduzir emissões de gases de efeito estu-

fa. "Tem custos iniciais porque a tecnologia tem de ser adquirida, mas há alta rentabilidade no médio e longo prazo", destaca o executivo, que acredita que há muita oportunidade de financiamento neste sentido para ajudar na transição para a economia verde.

"Com o financiamento de novas tecnologias é possível pensar em uma trajetória de recuperação da crise causada pela covid-19. Estamos agora em um momento em que temos que não só alertar para esses riscos, mas também sermos um pouco otimistas e falarmos de possibilidades novas de crescimento que as novas tecnologias ligadas ao combate às mudanças climáticas podem nos proporcionar."

Portugal acrescentou que as tecnologias vão facilitar a mudança de comportamento dos próprios consumidores em direção à economia verde, ao escolherem e consumirem produtos mais sustentáveis.

# Banco Central dá mais um importante passo

Durante sua participação no evento, Fernanda Nechio, diretora de Assuntos Internacionais e Gestão de Riscos Corporativos do Banco Central, elencou os principais pilares da dimensão sustentabilidade na agenda institucional do BC, que inclui desde campanhas internas de conscientização ambiental e incorporação de cenários de riscos climáticos em testes de estresse do BC, até a adoção de medidas mais abrangentes, como a criação de uma linha financeira de liquidez sustentável para instituições bancárias.

"Apesar da crise, em nenhum momento atrasamos ou deixamos de implementar nossa agenda estratégica; pelo contrário, por causa da crise achamos importante acelerar e intensificar a agenda estratégica", disse Fernanda, que citou também iniciativas como o novo sistema de pagamentos instantâneos Pix e o open banking, que incluem a pauta das novidades do BC neste ano.

Fernanda ressaltou que o tema socioambiental está em franco desenvolvimento no setor, mas lembrou que as ações neste sentido no BC vêm desde 1995, quando foi lançada a primeira diretriz. Ao longo destes anos, diz, a crescente interação do BC com as instituições financeiras foi e tem sido importante para determinar a evolução da atuação do BC, bem como minimizar os efeitos dos riscos climáticos no sistema financeiro.

Em 2014, por exemplo, o BC publicou a Resolução sobre a Política de Responsabilidade Socioambiental, marco regulatório que ganhou amplo reconhecimento internacional. Três anos depois, em 2017, o BC editou a Resolução sobre Gerenciamento Integrado de Riscos, incluindo o componente socioambiental.

Toda essa preocupação dos Bancos Centrais, não só do Brasil, mas de todo o mundo, com o tema sustentabilidade, se dá porque os riscos climáticos, como explica Fernanda, causam mudanças estruturais na economia. "Os Bancos Centrais têm como objetivo assegurar a estabilidade de preços e garantir a solidez financeira. Choques climáticos afetam preços relativos, portanto afetam nossos processos de decisões políticas monetárias; esses eventos externos põem em risco o sistema financeiro nacional", explicou.



## Iniciativas da **FEBRABAN**

Como intermediadores de recursos entre os diferentes agentes econômicos, as instituições bancárias cumprem um papel importante no direcionamento de capital para projetos e atividades que contribuam para o desenvolvimento sustentável. Principal entidade representativa do setor bancário no Brasil, a FEBRABAN tem dedicado esforços no assunto sustentabilidade e desenvolve importantes projetos que procuram alinhar a atuação às principais referências e acordos vigentes sobre o tema. Entre as referências, a Federação cita os compromissos assumidos pelo país no âmbito da

Convenção do Clima (Acordo de Paris) e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), ambas iniciativas das Nações Unidas, além da Força Tarefa do Financial Stability Board (FSB) sobre divulgação de informações financeiras associadas às mudanças climáticas, que tem a adesão formal da entidade.

Sidney destacou o normativo de autorregulação socioambiental da FEBRABAN, publicado em 2014. Agora, seis anos depois, essa agenda evoluiu tanto no âmbito do Banco Central, com a dimensão de sustentabilidade da Agenda BC#, como do ponto de vista voluntário "Estamos aperfeiçoando o normativo de autorregulação socioambiental da FEBRABAN para incorporar temas relevantes, a exemplo da questão climática e outros aspectos ASG, incorporando isso ao core business do setor", comentou. "Há cerca de cinco anos a FEBRABAN também vem desenvolvendo um trabalho relevante para mensurar os saldos dos financiamentos por atividades econômicas, caracterizados sob a ótica socioambiental e climática; isso permite que consigamos identificar os fluxos de crédito para economia verde, assim para os setores com maior exposição ao risco ambiental", disse o executivo, que citou também que a FEBRABAN conta com uma Comissão de Sustentabilidade formada por representantes de aproximadamente 30 instituições.

Essa estrutura foi iniciada por Portugal, que presidiu a FEBRABAN de 2011 até março de 2020, período em que acompanhou diversas iniciativas voluntárias do setor em prol da sustentabilidade, como em 2003, quando a Bolsa de Valores no Brasil emitiu o primeiro índice sustentabilidade empresarial que incluía apenas empresas e bancos que consideravam critérios ambientais. Ao longo destes anos, a FEBRABAN publicou inúmeros relatórios sobre o tema, disponíveis no site da Federação, bem como desenvolveu

importantes programas de treinamento por meio do seu Instituto FEBRABAN de Educação, o Infi.

Portugal ressalta que a atitude do setor bancário em relação às questões ambientais mudou nesse período, deixando de ser uma abordagem passiva, de apenas tentar não prejudicar, para ações mais ativas. "A atitude era de cumprir as regulamentações ambientais para evitar problemas. Mais recentemente movemos dessa abordagem de não prejudicar para fazer o correto; não só cumprindo as regulamentações, mas aumentando o financiamento da economia verde."

"Embora o setor bancário tenha atuado de forma responsável e sustentável nos últimos anos, entendemos que há muito ainda a ser feito. Estamos dando suporte aos bancos associados nas melhores práticas do mercado, primamos pelo comportamento ético e acreditamos que a retomada econômica pós-crise precisa ser sustentável e inclusiva", completou Sidney.

# Recomendações da TCFD

Estabelecido em dezembro de 2015 pelo Conselho de Estabilidade Financeira (FSB), a Força-Tarefa sobre Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima (TCFD) desenvolveu recomendações consistentes relacionadas ao clima, para uso das empresas no fornecimento de informações a credores, seguradoras, investidores e outras partes interessadas. As recomendações são baseadas nos pilares governança, estratégia, gestão de riscos e métricas/objetivos.

Denise lembra que, no início da elaboração da Força-Tarefa, o grupo analisou o regulamento brasileiro e já viu o Banco Central como referência por conta de suas ações. "A gente fica muito feliz com esse movimento sendo feito agora", disse, referindo-se à inclusão da vertente sustentabilidade na Agenda BC#. "Estamos começando a ver movimentos concretos para viabilizar finanças realmente verdes."

# Debate e Considerações Finais

Ao final das explanações, foi aberto o debate entre os participantes, no qual Amaury moderou as perguntas recebidas pelo chat e redes sociais.

Primeiramente, foram levantadas algumas questões específicas sobre a nova dimensão da agenda BC#, principalmente no que diz respeito aos riscos climáticos. Posteriormente, foram discutidos os desafios e as oportunidades para ampliar o alcance e o impacto das ações propostas na agenda de sustentabilidade no setor financeiro.

**FEBRABAN**

Federação Brasileira de Bancos

[cafecom sustentabilidade.febraban.org.br](http://cafecom sustentabilidade.febraban.org.br)